

O BEIJO DO VENCEDOR

A TRILOGIA DO VENCEDOR: LIVRO TRÊS

uma saga de

MARIE RUTKOSKI

tradução

GUILHERME MIRANDA

PLATA
FORMA 

TÍTULO ORIGINAL *The Winner's Kiss*

© 2016 by Marie Rutkoski. Publicado mediante acordo com
Charlotte Sheedy Literary Agency. Todos os direitos reservados.
© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras.

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flávia Lago
EDITORA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo
PREPARAÇÃO Carla Bitelli
REVISÃO Luciane Gomide
DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt
DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi
FOTO DE CAPA © 2015 by Ali Smith
CAPA Elizabeth H. Clark

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rutkoski, Marie

O beijo do vencedor / uma saga de Marie Rutkoski; tradução
Guilherme Miranda. — São Paulo: Plataforma21, 2017.
(Série trilogia do vencedor; 3)

Título original: *The winner's kiss*

ISBN: 978-85-507-0075-5

1. Ficção juvenil I. Título II. Série.

17-01117

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil O28.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br

editoras@vreditoras.com.br



ELE CONTOU A SI MESMO UMA HISTÓRIA.

Não no começo.

No começo, não havia tempo para seus pensamentos assumirem a forma de palavras. Felizmente, sua cabeça estava vazia de histórias naquele momento. A guerra estava próxima. Estava diante dele. Arin havia nascido no ano do deus da morte e finalmente estava grato por isso. Entregou-se ao seu deus, que sorriu e se aproximou. *As histórias vão trazer sua morte, ele murmurou no ouvido de Arin. Agora, apenas escute. Escute o que vou dizer.*

Arin escutou.

Seu navio havia atravessado veloz o mar desde a capital. Agora, atracava em meio à frota de navios orientais ancorados na baía de sua cidade, chalupas ágeis de guerra, flanando com as cores da rainha: azul e verde. As chalupas eram de Arin, pelo menos por enquanto. O presente da rainha dacrana a seus novos aliados. Os navios não eram tantos quanto Arin gostaria. Nem tinham canhões tão pesados quanto gostaria.

Mas:

Escute.

Arin mandou o capitão do navio se aproximar da maior das chalupas dacranas. Depois de dar ordens ao capitão de ancorar e encontrar a prima de Arin na cidade, subiu a bordo da chalupa. Aproximou-se do comandante da frota oriental: Xash, um homem magro, com um nariz estranhamente alto e uma pele escura que brilhava sob o sol do fim de primavera.

Arin olhou nos olhos de Xash: pretos, sempre estreitados e tingidos de amarelo, a cor que indicava sua patente de comandante naval. Era como se Xash já soubesse o que Arin iria dizer. O oriental abriu um leve sorriso.

– Eles estão a caminho – disse Arin.

Ele explicou como o imperador valoriano havia planejado que o suprimento de água herrani fosse envenenado devagar. Meses antes, o imperador devia ter mandado alguém para as montanhas perto da fonte do aqueduto. Mesmo do convés do navio de Xash, Arin podia ver a trilha arqueada do aqueduto construído pelos valorianos. Era indistinta a distância, descendo como uma serpente pelas montanhas, levando algo que havia enfraquecido os herranis, fazendo-os dormir e tremer.

– Fui visto na capital – Arin contou a Xash. – Um navio valoriano perseguiu o meu quase até as Ilhas Despovoadas. Devemos assumir que o imperador sabe que eu sei.

– O que aconteceu com o navio?

– Deu meia-volta. Para buscar reforços talvez... e saber as ordens do imperador. – Arin falava a língua do homem em um tom cortado, com um sotaque forte, sílabas rápidas e duras. O idioma era novo para ele. – Ele vai atacar agora.

– O que faz você ter tanta certeza de que os aquedutos da cidade estão envenenados? Onde conseguiu essa informação?

Arin hesitou, sem saber as palavras dacranas para o que pretendia dizer.

– A Mariposa – respondeu ele em sua própria língua.

Xash estreitou os olhos ainda mais.

– Uma espia – Arin disse em dracrano, por fim encontrando a palavra. Ele girou o anel dourado no dedo mínimo e pensou em Tensen, seu mestre de espionagem, e em como o navio valoriano que o havia seguido poderia ser um sinal de que Tensen tinha sido preso enquanto Arin deixava o palácio imperial. O velho havia insistido em ficar. Ele poderia ter sido pego. Torturado. Forçado a falar. Arin imaginou o que os valorianos teriam feito...

Não. O deus da morte pousou a mão fria sobre os pensamentos de Arin e a fechou em volta deles. *Você não está escutando, Arin.*

Escute.

– Preciso de papel – Arin disse em voz alta. – Preciso de tinta.

Arin desenhou seu país para Xash. Esboçou rapidamente a península de Herran, traçando as curvas com a pena. Riscou as ilhas espalhadas ao sul da ponta da península, pontilhando o mar entre Herran e Valória. Apontou para Ithrya, uma grande ilha rochosa que criava um estreito fino entre eles e a ponta da península.

– As correntes de primavera são fortes no estreito. Dificultam navegar por ali. Mas, se uma frota valoriana está vindo para cá, é esta a rota que vão pegar.

– Eles vão pegar um estreito que é difícil de navegar? – Xash estava cético. – Eles podem navegar em volta de três ilhas e virar para o norte para cercar a península, subindo até a sua cidade.

– Demora muito. Os mercadores adoram esse estreito. Nesta época do ano, as correntes são mais fortes e impulsionam os navios de Valória direto para as portas de Herran. Eles são lançados rápido pelo estreito. O imperador espera atacar uma cidade enfraquecida. Não está contando com resistência. Não vai ver motivo para esperar para ter o que deseja. – Arin tocou a leste da ilha Ithrya e do fim da península. – Podemos nos esconder aqui, metade da frota logo a leste da península, metade na costa oriental da ilha. Quando a frota valoriana chegar, eles vão se aproximar depressa. Vamos flanqueá-los e atacar dos dois lados. Eles não terão como bater em retirada, independentemente dos ventos. Se tentarem navegar de volta pelo estreito, as correntes vão expulsá-los.

– Você não falou nada sobre números. Não somos uma frota grande. Flanquear os valorianos significa nos dividirmos. Você já esteve em uma batalha naval?

– Sim.

– Espero que não esteja se referindo à batalha nesta baía na noite da Revolta de Primeiro Inverno.

Arin ficou em silêncio.

– Aquilo foi em uma *baía* – zombou Xash. – Um lindo berçinho com ventos tranquilos para colocar um bebê para dormir. *Aqui* é fácil manobrar. Estamos falando de uma batalha em mar aberto. *Você* está falando em enfraquecer nossa frota dividindo-a ao meio.

– Não acho que a frota valoriana vá ser grande.

– Você não *acha*.

– Não precisa ser, não para atacar uma cidade cuja população foi drogada até a letargia. Uma cidade – disse Arin, enfático – que o imperador acredita não ter aliados.

– Gosto de um ataque surpresa. Gosto da ideia de prender os valorianos entre *nós*. Mas seu plano só funciona se o imperador não enviar uma frota muito maior do que a nossa, capaz de afundar nossos dois flancos. Ela só funciona se o imperador realmente não souber que Dacra – o tom de Xash revelava seu desagrado – se aliou a vocês. O imperador valoriano adoraria destruir essa aliança com uma demonstração esmagadora de força naval. Se souber que nós estamos aqui, pode muito bem mandar toda a frota valoriana.

– Então é melhor uma batalha ao longo do estreito. A menos que você prefira que eles nos ataquem aqui na baía.

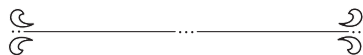
– *Eu* comando esta frota. *Eu* tenho a experiência. Você mal passa de um moleque. Um moleque *estrangeiro*.

Quando Arin voltou a abrir a boca, não foram suas as palavras que saíram. Seu deus lhe disse o que falar:

– Quando sua rainha ordenou que você trouxesse sua frota a Herran, de quem ela declarou que seria a palavra final? Sua ou minha?

O rosto de Xash se endureceu de fúria. O deus de Arin sorriu dentro dele.

– Partimos agora – concluiu Arin.



As águas a leste da ilha Ithrya eram de um verde cristalino. Mas, do navio onde estava à espera da frota valoriana, Arin podia ver como as correntes que saíam do estreito formavam uma corda larga quase arroxeadada no mar.

Ele se sentia assim: como se uma força escura e ondulada se agitasse dentro dele. Inundava a ponta de seus dedos e o aquecia. Espalhava-se por suas costelas, crescendo a cada respiração.

Quando o primeiro navio valoriano saiu do estreito, Arin foi tomado por uma alegria funesta.

E foi fácil. Os valorianos não esperavam por eles, claramente não faziam ideia da aliança. O tamanho da frota inimiga se igualava ao da frota deles. O formato esguio do estreito fazia com que os navios valorianos entrassem em Herran de dois em dois. Fáceis de derrotar. A frota oriental os atacava de ambos os lados.

As balas de canhão perfuraram os cascos. Os convés armados enevoavam o ar de fumaça negra. Cheirava a milhões de fósforos queimados.

Arin subiu a bordo de seu primeiro navio valoriano. Parecia assistir a tudo como se estivesse fora de seu corpo: a maneira como sua espada cortava um marujo valoriano, depois outro e assim por diante até sua lâmina estar tingida de vermelho. Sangue respingou em sua boca. Arin não sentiu o gosto. Não sentiu a forma como sua adaga se cravou nas entranhas de alguém. Não pestanejou quando uma espada inimiga cruzou sua guarda e talhou seu bíceps.

O deus de Arin lhe deu um tapa na cara.

Preste atenção, ordenou a morte.

Arin prestou e, depois disso, ninguém mais conseguiu tocar nele.

Quando acabou, e os destroços valorianos afundavam e o restante dos navios inimigos era capturado, Arin voltou a ver com clareza. Ele piscou contra o sol poente, uma luz de melaço alaranjada que esmaltava os corpos caídos e dava ao sangue uma cor estranha.

Arin parou no convés de um navio valoriano capturado. Sua respiração arfava e doía no peito. Suor pingava em seus olhos.

O capitão inimigo foi levado diante de Xash.

– Não – Arin disse. – Traga-o para mim.

Os olhos de Xash arderam de fúria. Mas os dacranos acata-ram o pedido de Arin e Xash permitiu.

– Escreva uma mensagem para seu imperador – Arin disse ao capitão valoriano. – Diga o que ele perdeu. Diga que vai pagar se tentar de novo. Use seu selo pessoal. Mande a mensagem e vou deixar que você viva.

– Quanta nobreza – ironizou Xash.

O valoriano não disse nada. Seus lábios estavam pálidos. Mais uma vez, Arin se admirou com quão falsa era a reputação valoriana de bravura e honra.

O homem escreveu a mensagem.

Será que não passa mesmo de um moleque, como Xash diz?, o deus perguntou a Arin. Você é meu há vinte anos. Eu criei você.

O valoriano assinou o papel.

Cuidei de você.

A mensagem foi enrolada, selada e guardada num pequeno tubo de couro.

Protegi você quando pensou que estava só.

O capitão amarrou o tubo na pata de um falcão. A ave era grande demais para ser um kestrel. Não tinha as marcas de um kestrel. Inclinou a cabeça, virando os olhos como contas de vidro para Arin.

Não, não um moleque. Um homem feito à minha imagem... Um homem que sabe que não pode se dar ao luxo de ser visto como fraco.

O falcão se lançou ao céu.

Você é meu, Arin. Sabe o que é preciso fazer.

Arin cortou a garganta do valoriano.



Foi quando Arin estava velejando de volta para casa na baía da sua cidade, com o cabelo endurecido e as roupas viscosas pelo sangue seco, que a história entrou em seu corpo. Pousou em sua língua e derreteu-se como um doce amargo.

Esta é a história que Arin contou a si.

Era uma vez um menino que sabia se esconder. Certa noite, os deuses o viram trancado sozinho em seus aposentos, tremendo, quase vomitando de medo. Ele ouvia o que estava acontecendo em outras partes da casa. Gritos. Coisas se quebrando. Ordens ríspidas, as palavras em si estavam abafadas, mas ainda assim foram entendidas pelo garoto, que segurava o vômito em seu canto.

Sua mãe estava em algum lugar atrás da porta trancada. Seu pai. Sua irmã. Ele deveria ir até eles. Disse isso aos seus joelhos curvados, escondidos sob o camisão de dormir enquanto ficava agachado no chão. Sussurrou as palavras, com uma voz que trina descontrolada. *Vá até eles. Eles precisam de você.* Mas não conseguiu se mover. Ficou onde estava.

Houve uma pancada na porta, que estremeceu em suas dobradiças.

Com um estrépito fragmentado, a porta cedeu. Um soldado estrangeiro entrou. A pele e o cabelo do soldado eram claros e seus olhos, escuros. Ele pegou o menino pelo punho esquelético.

O garoto se puxou como um maníaco, mas era ridículo, pois ele sabia que seu esforço era em vão. Gritou e se debateu. O soldado riu. Chacoalhou o garoto. Não com muita força, mais como se tentasse acordá-lo. *Não resista*, o soldado disse em uma língua que o menino havia estudado mas nunca pensara que usaria. *E não vai se machucar.*

Não se machucar era muito importante. A simples promessa fez o garoto amolecer com um alívio terrível. Seguiu o soldado.

Foi levado ao átrio. Todos estavam lá, inclusive os servos. Seus pais não o viram chegar. Ele foi tão quieto. Depois, não saberia dizer se as coisas teriam sido diferentes se não tivesse sido sua irmã, do outro lado do cômodo, a primeira a notá-lo. Ele

não sabia ao certo se poderia ter mudado o que aconteceu depois disso. Tudo que sabia era que, no momento mais importante, não tinha feito nada.

Tinha ouvido dizer que havia mulheres no exército valoriano, mas os soldados em sua casa naquela noite eram todos homens. Havia dois em volta de sua irmã. Ela era alta, imperiosa. Seu cabelo solto caía nos ombros como uma capa preta. Quando o olhar de Anireh recaiu sobre ele e seus olhos cinza brilharam, o menino percebeu que, antes disso, nunca havia acreditado que ela o amava. Agora, sabia que sim.

Ela disse algo baixo para os valorianos. O menino ouviu o tom musical, de zombaria.

O que você disse?, um soldado quis saber.

Ela repetiu. O soldado a pegou e o menino entendeu, com um terror doentio, que aquilo era culpa dele. Era, de alguma forma, tudo culpa dele.

Eles estavam levando sua irmã. Os soldados a estavam levando para um armário de casacos usado no inverno quando sua família recebia convidados à noite. Ele já havia se escondido lá antes. Era fechado, escuro e abafado.

Era nesse ponto da história que Arin desejava poder viajar no tempo e colocar as mãos sobre as pequenas orelhas do garoto. Ele queria abafar os sons. *Feche os olhos*, queria dizer ao menino. O eco de um pânico antigo tremulou no peito de Arin. Era crucial que imaginasse como impediria o garoto de testemunhar o que acontecera em seguida.

Por que Arin fazia aquilo consigo mesmo? Doía esse esforço de tentar mudar sua memória daquela noite. Era compulsivo. Às vezes, achava que doía mais do que a própria verdade. Mas, mesmo agora, mais de dez anos depois da invasão valoriana, Arin não conseguia deixar de pensar, com um fervor desesperado, no que deveria ter feito de diferente.

E se tivesse gritado?

Ou implorado para os soldados soltarem sua irmã?

E se tivesse corrido para seus pais, que ainda não haviam notado sua presença na sala, e impedido seu pai de pegar uma adaga valoriana da bainha?

Ou sua mãe. Ele certamente poderia ter salvado a mãe. Não era da natureza dela lutar. Ela não teria tentado se soubesse que ele estava lá. Ele havia apenas fitado enquanto ela pulava em cima do soldado que segurava sua irmã. Os soldados derrubaram seu pai. A porta do armário de casacos se fechou atrás de Anireh. Uma adaga cortou a garganta de sua mãe. Houve um jorro brilhante de sangue.

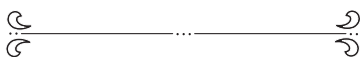
Os ouvidos de Arin estavam bradando. Seus olhos eram como rochas secas.

Depois que os soldados arrancaram o menino aos berros de perto do cadáver da mãe, ele foi guiado com os servos para a cidade. O palácio real queimava na colina. Ele viu os corpos da família real pendurados no mercado, incluindo o príncipe a quem Anireh estava prometida em casamento. Era possível que sua irmã ainda estivesse viva, não? Entretanto, dois dias depois, Arin veria o corpo dela na rua.

Embora parecesse que não havia como piorar, Arin engoliu os soluços, silenciou-se em seu pavor. Fez o que lhe mandaram fazer. *Não resista*, o soldado tinha dito.

Ele viu um homem de armadura se aproximando em meio às tropas. Mais tarde, Arin descobriria que o general era jovem na época da invasão. Naquela noite, porém, o homem parecia antigo, enorme: um monstro de carne e aço.

Arin imaginou que, se pudesse, se ajoelaria diante do menino que havia sido. Ele o aninharia em seu peito, deixaria que o garoto enfiasse o rosto úmido em seu ombro. *Xiu*, Arin diria para ele. *Você vai ser solitário, mas vai se tornar forte. Um dia, terá sua vingança.*



O que havia decorrido com Kestrel não era o pior. Não se comparava.

Arin pensou isso enquanto seu navio, com o restante da frota vitoriosa, ancorava na baía de Herran ao luar. Ele passou o polegar pela cicatriz que descia pela sua sobrancelha esquerda até a cavidade da sua bochecha. Esfregou a linha de carne saltada. Um hábito recente.

Não, pensar em Kestrel não era mais doloroso. Ele tinha sido um tolo, mas precisava se perdoar por coisas piores. Irmã, pai, mãe. Quanto a Kestrel... Arin tinha certa clareza sobre quem ele era: o tipo de pessoa que confiava cegamente, que colocava o coração no lugar errado.

A essa altura, ela talvez já estivesse casada com o príncipe valoriano. Estava jogando seus jogos na corte. ganhando, sem dúvida. Talvez seu pai lhe escrevesse do front e pedisse mais conselhos militares primorosos, como aquele que ela havia lhe dado ao condenar centenas de pessoas nas planícies orientais a morrer de fome.

Antigamente, Arin se atormentava de espanto indignado diante do fascínio que havia sentido pela filha do general valoriano. Antigamente, afligia-se com a rejeição dela. Agora, porém, pensar em Kestrel lhe dava um alívio frio. Como gelo num hematoma.

Gratidão. Porque ela não significava nada para ele. Não era isso uma dádiva dos deuses, lembrar-se dela e não sentir nada? Ou, se havia algo que sentia, não era mais do que tocar a cicatriz e se admirar pela saliência longa, pela pele que nunca estaria morta. Arin sabia que algumas coisas doíam para sempre, mas Kestrel não era uma delas. Essa era uma ferida que enfim cicatrizara.